

INOVA

Working Paper
619

2018

Ensino e Prática da Macro de Economia Aberta depois de Abril

Jorge Braga de Macedo

NOVA
School
of Business
& Economics

Shaping
powerful
minds

Accredited by:



Member of:



Ensino e Prática da Macro de Economia Aberta depois de Abril

Jorge Braga de Macedo (organizador)

Sumário: Descreve-se o ensino e a prática da macroeconomia em nove instituições, sete universitárias e dois gabinetes de estudos, tendo em conta que a revolução de 25 de Abril não só deu origem à entrada de novos atores mas também chocou os incumbentes. O método segue a abordagem dos efeitos da crise financeira numa perspetiva global e interdisciplinar que a parceria entre CG&G, IICT e Academia das Ciências de Lisboa permitiu iniciar em 2008, conforme descrito no *Working Paper* nº 611. A ocasião foi um *workshop* realizado em 7/11/17, no 40º aniversário do *Simpósio de Estudos Keynesianos*, com apoio do Banco de Portugal. Como acordado no evento, foi distribuída em 31/12/17 uma versão preliminar do relato ao patrocinador e aos participantes, e quase todos emendaram os seus textos. Manteve-se o alinhamento do *workshop*: comunicações e comentários sobre novos atores (BdP, UCP, FEUC, UNL, UCAN) na parte 1 e incumbentes (GEBEI, FDUL, ISEG, FDUC) na parte 2. O debate começa com uma comentário geral.

Abstract: Teaching and practice of macroeconomics were strongly impacted by the 25th of April 1974 revolution, not only because it fostered the entry of new actor but also because it shocked incumbents. This is apparent in the nine institutions, seven in universities and two embedded in the administration, described here, in line with the global perspective on and an interdisciplinary approach to the effects of the financial crisis that the partnership between CG&G, IICT and the Lisbon Academy of Science initiated in 2008, as described in *Working Paper* # 611. The occasion was a workshop held on 7/11/17, on the 40th anniversary of the *Symposium on Keynesian Studies*, with help from the Bank of Portugal. As agreed at the event, on 31/12/17, a preliminary version of the proceedings was distributed to the funder and to participants, and most authors amended their texts. The lineup is the same as that of the workshop with presentations and comments about new actors (BdP, UCP, FEUC, UNL, UCAN)¹ in Part 1 and incumbents (GEBEI, FDUL, ISEG, FDUC)² in Part 2. The debate starts with a discussion at large.

¹ Respectively Bank of Portugal Department of Statistics and Economic Studies, Lisbon Catholic School of Business and Economics, Coimbra University School of Economics, Nova School of Business and Economics, Catholic University of Angola.

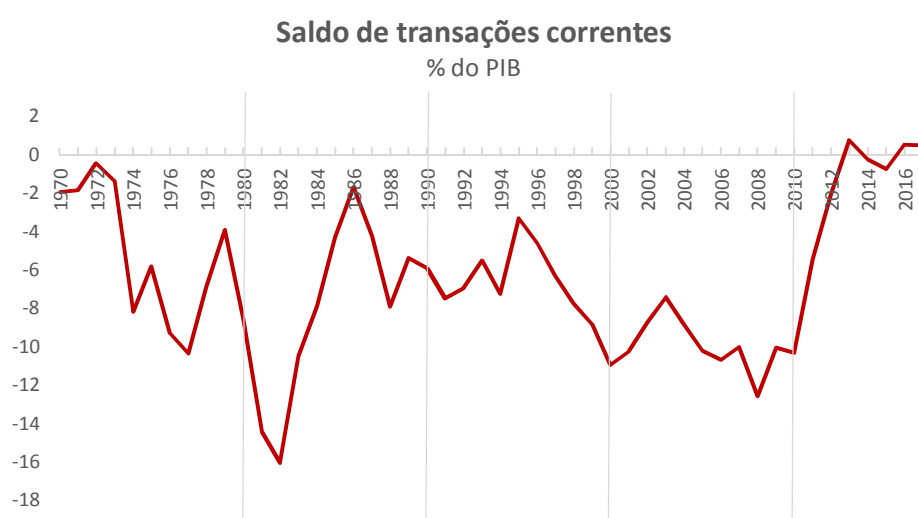
² Respectively Government Group on Basic Industrial Economics Studies, University of Lisbon School of Law, University of Lisbon Institute of Economics and Management, Coimbra University School of Law.

ÍNDICE

Nota Prévia	3
Introdução do organizador	4
Parte 1 Novos Atores	
Departamento de Estatísticas e Estudos Económicos do Banco de Portugal (BdP)	
Teodora Cardoso	16
Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (UCP)	
Isabel Horta Correia e João César das Neves	23
Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa (NSBE)	
Jorge Braga de Macedo	32
António Pinto Barbosa	38
Manuel Pinto Barbosa	41
Diogo Lucena	48
Pedro Pita Barros	50
Comentário: João Rodrigues	54
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC)	
João Alberto Sousa Andrade	64
Introdução do Ensino da Economia em Angola	
José Alves da Rocha	66
Comentário: Fátima Moura Roque	88
Parte 2 Incumbentes	
Gabinete de Estudos Básicos de Economia Industrial (GEBEI)	
João Cravinho	89
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (FDUL)	
Paulo Pitta e Cunha	101
Eduardo Paz Ferreira	104
Comentário: Luís Máximo dos Santos	111
Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG)	
Carlos Bastien e José Luís Cardoso	115
Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra (FDUC)	
Manuel Porto	121
Debate, precedido de Comentário geral	
Maria de Fátima Bonifácio e outros (incluindo Jaime Reis)	126
Lista de sócios da 6ª secção e outros participantes no <i>workshop</i>³	134

³ Depois da morte prematura de António Almodôvar (1953-2016), a secção deixou de ter sócio no Porto tendo-se gorado as tentativas de descrever a respetiva Faculdade de Economia neste *workshop* e de levar Renato Flores a escrever sobre “macro depois de Abril vista do Brasil”, talvez ponderando o modelo citado na nota 77 abaixo. A redução do tamanho da letra do quadro na p. 120 deve-se à entrega inesperada do texto revisto de JLC, juntamente com a dificuldade de formatação do próprio quadro e suas numerosas notas explicativas, para o que se espera a benevolência do leitor, que encontrará a abreviatura dos nomes na p. 134. Assinalo ainda que TC e JR não reviram a transcrição, quanto a este ver nota 76 abaixo.

discricionariedade administrativa que lhe era inerente. Esta era, contudo, inevitável num período caracterizado pela enorme instabilidade que os mercados financeiros atravessavam, ao mesmo tempo que Portugal não dispunha ainda nem da estabilidade política nem das infraestruturas institucionais necessárias ao funcionamento de um sistema mais assente nos mecanismos de mercado.



Fonte: AMECO, maio 2017.

A Macroeconomia nos cursos de Economia da Universidade Católica em Lisboa

Isabel Horta Correia e João César das Neves

1- Introdução

A Macroeconomia foi, como se sabe, uma das áreas teóricas da ciência económica em maior turbulência no século XX. Se a investigação evoluía rapidamente, o ensino superior da área tinha de se esforçar por se manter a par, para não ficar obsoleto, mas sem entrar em experiência ou debates espúrios. A tarefa não foi nada fácil.

O objetivo deste texto é simplesmente apresentar alguma informação genérica acerca deste tema, num caso concreto particular, sem entrar em análises e discussões. Trata-se assim de um levantamento prévio da situação, meramente descritivo, para permitir posteriormente estudos mais detalhados e aprofundados.

O tema concreto é a evolução da fileira de disciplinas da área de Macroeconomia nas licenciaturas e mestrados em Economia na Universidade Católica Portuguesa em Lisboa. Não são considerados outros programas da mesma escola, nomeadamente na área de gestão, nem o trabalho, também relevante, realizado noutros polos da Universidade, nomeadamente em, Braga, Porto e Beiras. Este estudo reduziu-se assim a Lisboa, na faculdade que se chamou de Ciências Humanas de 1972 a 1989, altura em que, por divisão daquela escola, os cursos em análise passaram para a recém-constituída Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais, desde 2010 *Católica Lisbon School of Business and Economics*. O período de análise começa em 1972, com o início da primeira licenciatura da área, e termina no ano letivo de 2017/18.

Este estudo teve como fontes principais os documentos de distribuição do serviço docente, obtidos nos arquivos da Universidade. Estes dados, por vezes omissos e contraditórios, foram depois completados por outras informações académicas e entrevistas a antigos alunos e professores.

A informação que compõe este estudo pode ser dividida em três partes, que compõem as suas três secções. Primeiro, e mais relevante, a evolução da estrutura curricular, considerando as várias arrumações letivas ao longo da transformação das licenciaturas e mestrado. Na secção 2 serão considerados os principais docentes da área, que marcaram indelevelmente esse ensino. A secção final descreve brevemente os grandes manuais que foram usados nas cadeiras do segundo ano, quando os alunos eram confrontados com os primeiros cursos de Macroeconomia.

2- Evolução da fileira de Macroeconomia

Nos primeiros 45 anos da Universidade Católica de Lisboa, é possível dividir em seis grandes períodos a evolução do ensino dos temas de Macroeconomia nos cursos superiores da área de Economia. O primeiro agrega as três licenciaturas iniciais, de 1972-77 a 1974-79, onde se registou alguma volatilidade curricular e de docentes. Tudo estabilizou a partir do 4º curso (1975-80), mantendo-se durante cerca de dez anos, naquilo que se pode considerar a primeira estrutura letiva duradoura de Macroeconomia na Católica de Lisboa. Uma terceira fase nasceu com a introdução de cadeiras optativas a partir do curso que iniciou no ano 1985/86, numa disposição que durou doze cursos. A mudança seguinte surgiu com o encurtamento da licenciatura para 4 anos, lançada a partir do ano de 1997/98. A Reforma de Bolonha foi introduzida no 35º curso (2006-09) e manteve o mesmo quadro até à revisão curricular realizada em 2015, a qual gerou nova situação, que ainda se encontra em vigor. Esta periodização, assumidamente simplista, esquece algumas perturbações³¹, mas representa a linha geral do cursos, pelo que será usada.

a) A fileira nos três primeiros cursos: 1972-77 a 1974-79

O primeiro curso, 1972-1977, apresentou no 1º ano uma cadeira anual de *Economia*, que naturalmente abordou também tópicos de Macroeconomia. No 1º semestre do 2º ano surgia a cadeira de *Finanças* e no 1º semestre do 3º ano *Desenvolvimento económico* abordavam aspetos pontuais da mesma área. No 4º ano existia uma cadeira de *Moeda e Bancos* no 2º semestre, e no 5º ano as cadeiras de *Política Monetária* e *Economia Pública* no 1º semestre e de *Política Financeira* no 2º semestre completavam o panorama. Esta é a estrutura-base que será ligeiramente adaptada nos cursos seguintes.

³¹ Dessas, a perturbação mais influente, que o presente texto descure, é a criação do «ano propedêutico», futuro 12º ano. A Universidade lecionou este ano preparatório de entrada na universidade de 1977 a 1980, o que implicou nesses anos duas coortes diferentes de alunos, aqueles que tinham feito o ano propedêutico na Faculdade e aqueles que entraram diretamente para o 1º ano.

No segundo curso, 1973-78, além de alguns ajustes na arrumação semestral das cadeiras, a única diferença substantiva é substituição da *Finanças* no 2º ano por uma nova cadeira de *Finanças Públicas* no 3º ano, que se revelará das mais duradouras na fileira de Macroeconomia. O terceiro curso, 1974-79 apresenta mudanças mais profundas. A cadeira de *Economia*, que fora anual no 1º ano, foi dividida em duas semestrais, *Introdução à Economia* e *Métodos Quantitativos de Análise Macroeconómica*, naturalmente concentrando nesta segunda a lecionação dos temas macroeconómicos. No 2º semestre do 2º ano surgiu uma cadeira nova de *Análise Económica II*, que mantinha com *Análise Económica I* no 1º semestre a mesma dicotomia micro/macro do 1º ano. Estava pronta a organização de quatro cadeiras, duas de *Introdução* no 1º ano e duas de teoria básica no 2º, que seria adotada desde então. No 4º ano era criada uma nova cadeira semestral de *Políticas de Desenvolvimento*, que reforçava a cadeira de *Desenvolvimento económico*, que se mantinha no 3º ano.

b) A primeira estabilização: 1975-80 a 1984-89

Como se disse, foi no quarto curso que esta evolução estabilizou, criando uma estrutura que, apesar de alguns ligeiros ajustamentos cronológicos, se manteria mais de dez anos. As duas grandes diferenças face ao curso anterior é o surgimento da nova cadeira de *Contas Nacionais*, inicialmente colocada no 2º semestre do 3º ano, e a substituição da cadeira de *Desenvolvimento económico* por *Teoria do Crescimento*, uma troca que, como veremos, vai ser invertida e revertida várias vezes nas décadas seguintes.

Durante o período subsequente de dez anos existiram poucas novidades significativas. Uma delas é a estabilização dos nomes de *Introdução à Economia I* e *Introdução à Economia II* para as cadeiras do 1º ano e de *Microeconomia* e *Macroeconomia* no 1º ano. Além disso surgia no 5º ano uma nova semestral, *Economia Monetária Internacional*.

c) A primeira estrutura com cadeiras optativas: 1985-90 a 1996-01

A adoção, a partir do curso que começou em 1985/86, de uma orientação com cadeiras nucleares obrigatórias, coadjuvadas por várias optativas, enriqueceu muito as várias fileiras, e teve também impactos significativos nesta aqui considerada.

Os programas obrigatórios, neste campo da Macroeconomia, foram *Introdução à Economia I e Introdução à Economia II* no 1º ano, *Macroeconomia I* no 2º semestre do 2º ano, *Finanças Públicas e Moeda e Bancos*, cada uma nos dois semestres do 3º ano, *Contas Nacionais e Desenvolvimento económico* (que regressa com este nome, eliminando *Teoria do Crescimento*) no 1º semestre do 4º ano e *Macroeconomia II* no 2º semestre do 4º ano. No 5º ano, as cadeiras optativas eram *Economia Monetária* (substituindo *Política Monetária*, que existira desde o princípio da licenciatura), *Economia Pública*, *Economia Monetária Internacional* e *Tópicos de Macroeconomia*. Estes quatro cursos, como todas as optativas, nem sempre estavam disponíveis no curriculum, mas nestes casos pode dizer-se que eram em geral oferecidas.

d) A redução para cursos de quatro anos: 1997-01 a 2005-09

Foi a partir de 1997/98 que a faculdade, na sequência de outras escolas de referência, decidiu reduzir as suas licenciaturas para quatro anos letivos. Isso exigiu ajustamentos importantes, mas que, como se verá, não afetaram muito a fileira de Macroeconomia. Os novos programas obrigatórios mantiveram-se nos dois primeiros anos. No 3º ano *Finanças Públicas* desapareceu, sendo substituída por *Economia Pública*, que passou de optativa a obrigatória, e *Moeda e Bancos* mudou de nome para *Moeda e Mercados Financeiros*. O 4º ano tinha apenas uma cadeira obrigatória desta fileira, *Crescimento Económico*, e seis optativas: as antigas *Contas Nacionais* (agora optativa), *Economia Monetária*, *Economia Monetária Internacional* e *Tópicos de Macroeconomia*, e duas novas *Economia Pública II* e *Política Económica e Financeira*.

e) O primeiro regime de Bolonha: 2006-09 a 2014-17

A *European Higher Education Area*, que foi lançada pela Declaração de Bolonha de 1999, implicou mudanças importantes nos cursos superiores dos países signatários. A Faculdade, depois de cuidadoso estudo, adotou a partir do ano letivo de 2006/07 o sistema geral de 3 anos (licenciatura) + 2 anos (mestrado) nos dois primeiros ciclos de ensino superior. Assim foi nesse ano que nasceram os *Masters of Science*, corporizando o referido 2º ciclo. Para a análise continuar comparável, o presente texto analisará a fileira conjuntamente nos dois ciclos.

A nova licenciatura de 3 anos manteve os dois primeiros anos anteriores, com *Introdução à Economia I* e *Introdução à Economia II* no 1º ano, *Macroeconomia I* no 2º semestre do 2º ano, todas naturalmente obrigatórias. No 3º ano existiam como obrigatórias *Macroeconomia II*, *Economia Pública* e *Moeda e Instituições Financeiras*. Como cadeiras optativas e de mestrado surgiam *Advanced Macroeconomics*, *International Money and Finance* e *Globalization and Growth*. Assim desapareciam *Contas Nacionais*, *Economia Monetária* e *Economia Pública II* e *Política Económica e Financeira*. Logo em 2008/09 a cadeira de *Advanced Macroeconomics*, que inicialmente era optativa, ao contrário de *Advanced Microeconomics*, passou a obrigatória no mestrado.

f) O regime atual: 2015-18 a ...

A última revisão curricular verificou-se a partir do ano lectivo de 2015/16. As mudanças na fileira de *Macroeconomia* foram poucas e, em geral, de aumento. *Macroeconomia II* foi substituída por *Macroeconomia em Economia Aberta* e *Moeda e Instituições Financeiras* passou do 3º ano da licenciatura para o 2º. Surgiram duas novas optativas no mestrado *Macrodynamics* e *Macroeconomic Policy*.

Como se disse, esta breve descrição passou por cima de alguns outros pormenores de mudança, inevitáveis em 45 anos de trabalho universitário.

No entanto as páginas anteriores descrevem o essencial da evolução. O tom geral é, sem dúvida, de continuidade. Comparando os últimos anos com os primeiros, nota-se bastantes semelhanças. Existiram naturalmente grandes alterações nos tópicos e métodos de ensino, mas as grandes áreas, arrumadas em cadeiras, mudaram mais de aspeto que de substância.

3- Os grandes professores da fileira de Macroeconomia

Naturalmente que, ao longo de 45 anos, mesmo se nos centrarmos apenas num tópico particular como é a Macroeconomia, a lista de docentes que passam por uma universidade é enorme. Seria impossível ser exaustivo num texto desta dimensão. Mas existe um punhado de nomes que merecem indiscutível referência, constituindo os verdadeiros pilares da área na Faculdade. Sem desprimor para os demais, serão esses os nomeados adiante.

Dois professores dominam indiscutivelmente os primeiros anos da licenciatura: Alfredo de Sousa e Aníbal Cavaco Silva. Estes dois catedráticos devem ser considerados os verdadeiros fundadores da Macroeconomia na Católica de Lisboa, não apenas pela lecionação que asseguraram, mas também porque grande parte dos seus sucessores, como se verá, foram também seus discípulos directos.

Alfredo António de Sousa (1931 - 1994) foi professor da cadeira anual introdutória de *Economia* nos dois primeiros cursos, passando depois para *Análise Económica II* de 1974 a 1976. Em seguida centrou-se em *Teoria do Crescimento*, que lecionou de 1977 a 1982. Depois de regressado de uma sabática, encarregou-se das duas cadeiras de *Introdução à Economia* de 1984 a 1988.

Aníbal António Cavaco Silva (1939 - ...) centrou-se mais nas cadeiras de política económica dos últimos anos da licenciatura. Assim nos primeiros cursos foi professor de Finanças Públicas (1975 e 1977), Política Financeira (1976 a 1979) e Economia Pública (1976 a 1979). Interrompendo a lecionação

devido a cargos ministeriais, voltou a *Política Financeira* nos períodos de 1981 a 1985 e 1996 a 2005 e *Economia Pública* em 1982 a 1985; 2001 a 2005.

Só existem mais dois nomes, a este nível de influência, que vieram de fora da Católica, pois todos os seguintes, sendo licenciados na casa, provêm da cepa que estes quatro lançaram. Trata-se de António e Manuel Pinto Barbosa. Ambos chegaram à universidade em 1976, a tempo de influenciarem o quinto curso e seguintes, mas traziam consigo os manuais americanos, que revolucionaram este ensino.

Manuel Soares Pinto Barbosa (1944 - ...) foi na faculdade sobretudo professor de *Economia Internacional*, fora da fileira de Macroeconomia. Mas neste campo teve um papel central, ao reger as cadeiras de *Análise Económica II* de 1976 a 1979, mudando decisivamente o ensino da Macroeconomia e, mais tarde, da cadeira de *Macroeconomia II* de 1984 a 1989.

Aquilo que Manuel Pinto Barbosa fez às bases da teoria macroeconómica, António Soares Pinto Barbosa (1944 - ...) fez às *Finanças Públicas*. Lecionou a cadeira de 1978 e 1979 e 1981 a 1995, sendo ainda anos responsável pela cadeira de *Macroeconomia* do 2º ano do curso de Administração e Gestão de Empresas.

Como se disse, à medida que os anos avançavam, eram professores licenciados na própria escola que iam ocupando as várias cadeiras, num corpo docente que se mostrou como o mais duradouro do primeiro meio século da escola. Desde meados dos anos 1980 até à atualidade, estes nomes têm sido docentes de sucessivas gerações de alunos. Nas cadeiras da fileira de Macroeconomia, alguns destacam-se.

Isabel Horta Correia (1957 - ...) regeu *Macroeconomia I* de 1994 a 2014, regressando em 2018, e as cadeiras de *Crescimento económico* desde 1999 até à atualidade. Leonor Modesto (1958 - ...) ocupou-se de *Macroeconomia II* de 1987 a 1994 e *Tópicos de Macroeconomia* (1994 a 2003). Foi substituída

na primeira cadeira por Pedro Teles (1963 - ...) após 1994 até hoje, que também tem sido professor de *Economia Monetária Internacional* desde 1993. A este primeiro grupo de professores, que tem assegurado o tronco principal de teoria macroeconómica, é preciso acrescentar mais dois: Teresa Lloyd Braga (1959 - ...) assegurou a cadeira de *Macroeconomia I* no mestrado de 2004 a 2005 e desde 2007 tem regido *Advanced Macroeconomics*, em parceria com Catarina Reis (1977 - ...).

Outras áreas de Macroeconomia tiveram também alguns professores marcantes. Ana Canhoto (1956 - ...), que fora assistente do professor Cavaco Silva, assegurou as regências nas suas ausências. Assim, lecionou *Economia Pública* em 1980 e 1981 e de 1986 a 1994, e depois *Moeda e Instituições Financeiras* de 1999 a 2016. Merecem ainda referência aqui Miguel Gouveia (1962 - ...) e Manuel Leite Monteiro (1961 - ...), que ensinaram *Economia Pública I e II*, em alternância e por vezes em simultâneo, desde 1988. Mas é importante referir aqui que estes dois últimos cursos, talvez dos mais plásticos da fileira, nem sempre devem ser considerados Macroeconomia, muitas vezes lidando com temas claramente microeconómicos.

4- Os grandes manuais da fileira de Macroeconomia

Finalmente, para se conseguir avaliar o conteúdo dos cursos, uma das formas mais eficazes é considerar os manuais utilizados. Evidentemente que neste texto não é possível entrar no detalhe, mas mostra-se interessante considerar os grandes marcos. Apenas serão mencionados os livros utilizados na cadeira de *Análise Económica II/Macroeconomia*, a primeira que discute o modelo base da fileira.

Pode dizer-se que o primeiro manual que apresentou aos alunos da Católica o modelo keynesiano foi: Cavaco Silva, A. (1976) *Política Orçamental e Estabilização Económica*, Clássica Editora. De facto, nos cursos iniciais, apenas nas cadeiras finais de política económica era analisado em detalhe a operação dessa estrutura intelectual. Mais tarde o volume foi substituído por

Cavaco Silva, A. (1982) *Finanças Públicas e Política Macroeconómica*, Universidade Nova de Lisboa (2ª edição, 1992).

O ensino mudou claramente a partir do quinto curso 1976-81, com a introdução desse modelo logo no 2º ano, e através dos manuais americanos. O primeiro desses livros foi Branson, William (1972) *Macroeconomics. Theory and Policy*, Harper International (2nd ed. 1979; 3rd ed. 1989). A tradução, feita pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1986 (*Macroeconomia - Teoria e Política*, 2ª ed. 2001), popularizaria ainda mais a obra em Portugal.

Para além deste, aliás ainda mais utilizado que ele em anos posteriores, está o clássico Dornbusch, R. and S. Fischer (1978) *Macroeconomics*, 1st ed. McGraw-Hill, (12th ed. 2013), frequentemente coadjuvado por Gordon, R (1978) *Macroeconomics*, 1st ed. Little & Brown (12th ed. 2012), que teve grande utilização.

Um dos problemas mais complexos que o ensino da Macroeconomia sofreu nestas décadas foi a chamada «revolução novo-clássica», que pretendeu substituir o modelo keynesiano tradicional por uma abordagem de equilíbrio geral walrasiano. Neste campo, a faculdade foi mesmo pioneira em Portugal, sobretudo através da organização da conferência *Real Business Cycles*, em Lisboa de 16-18 de Junho de 1986, onde participaram nomes maiores da área, como os futuros prémio Nobel Thomas J. Sargent (1943- ...), Finn E. Kydland (1943- ...) e Edward C. Prescott (1940-...), e autores decisivos como Charles I. Plosser (1948-...), Robert G. King (1951-...) e Sérgio Rebelo (1959-).

No ensino de licenciatura a mudança foi mais lenta, mas também se realizou. Isso vê-se quando os manuais atrás referidos foram, a partir de 1990, substituídos por Barro, R. (1984) *Macroeconomics*, John Wiley & Sons, mais tarde evoluindo para a versão europeia: Barro, R e V. Grilli (1994) *European Macroeconomics*, MacMillan. A partir de 2003 o manual utilizado

para introduzir os alunos à Macroeconomia tem sido Williamson, S. (2001) *Macroeconomics*, Addison Wesley, Boston USA, (6th ed, 2017).

Deste modo despretensioso se esboços as grandes linhas do ensino dos vários ramos da Macroeconomia nos cursos de licenciatura e mestrado em Economia na Universidade Católica em Lisboa. Trata-se de uma pequena experiência, mas sem dúvida marcante. Este levantamento factual exige estudo mais aprofundado, que ficará para esforços posteriores.

Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa

Ensino e prática: Alfredo de Sousa e “Quatro Ases”

Jorge Braga de Macedo

Muito obrigado. Pedia ao decano para me controlar. É que se, como a Isabel disse logo no início, parece impossível duas pessoas falar da Católica, que dizer da minha tarefa que é de falar da Faculdade de Economia, de Alfredo de Sousa e de “Quatro Ases”! Felizmente, existe uma razão de economia, que mencionei na introdução, para ter apresentado a prática da Nova: não só escrevi sobre os cinco colegas e amigos como colaborei no projecto de investigação que levou o nosso comentador João Rodrigues a iniciar entrevistas aos doutorados nos Estados Unidos que lançaram a coluna “A Mão Invisível” no *Semanário*³².

Os “Quatro Ases” foram Ministros das Finanças e Governadores entre 1965 e 1995³³. Poderia dizer que são todos diferentes, todos iguais relativamente não só a Alfredo de Sousa mas também a Aníbal Cavaco Silva. Ora, apesar da filiação partidária comum, só colaboraram na Comissão Instaladora da nossa Faculdade e na revista *Economia* da Universidade

³² Entre os quais, além de Beleza e António Borges (1949-2013), se contam os sócios da secção filiados na Nova SBE que intervieram no *workshop*. Ver “Modelo português da Nova Economia”, *NSBEWP* nº 612, 2017, p. 4-15; *Alfredo de Sousa*, pp. 208-210 e “Comentário” adiante no texto.

³³ O primeiro título referia-se ao “bando dos quatro”, mas o decano, com sageza, advertiu que no chinês havia várias senhoras e que a referência ao maoísmo poderia chocar mais do que falar de quatro ases...